

PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DOS RECÉM-NASCIDOS NO PERÍODO DE NOVEMBRO DE 2014 A JUNHO DE 2015 COM ALTERAÇÕES GENÉTICAS E/OU MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS, NO HOSPITAL NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.

Maricelma Simiano Jung¹; Nadine Hellmann Delfino².

1. Professora do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão/SC *maricelmasjung@gmail.com – Orientador.
2. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Tubarão/SC, bolsista do artigo 170.

Introdução

Qualquer alteração no decorrer do desenvolvimento embrionário pode resultar em malformações congênitas. Elas podem variar desde pequenas assimetrias até defeitos com maiores comprometimentos estéticos e funcionais. As causas estão ligadas a eventos que precedem ao nascimento, podendo ser herdada ou adquirida¹. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) as doenças genéticas atingem de 3% a 10% da população. No Brasil, dados epidemiológicos obtidos através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) demonstram que as malformações congênitas são a segunda causa de mortalidade infantil proporcional, seguindo a tendência mundial².

Assim, este trabalho teve por objetivo traçar o perfil clínico-epidemiológico dos recém-nascidos no período de novembro de 2014 a junho de 2015 com alterações genéticas e/ou malformações congênitas, na Maternidade do Hospital Nossa Senhora da Conceição, localizado na cidade de Tubarão, SC. Como metodologia, realizou-se um estudo epidemiológico do tipo transversal, por meio de uma revisão padronizada dos prontuários dos recém-nascidos no período de pesquisa.

Resultados e Discussão

Não foi possível realizar a análise estatística desses dados, devido ao número restrito de recém-nascidos que apresentaram alterações genéticas e/ou malformações congênitas (n=18).

Dentre os 1784 nascimentos que ocorreram no período pré-determinado foram analisados 18 casos de malformação congênita, representando 1% do total de nascimentos. Em nenhum dos casos a alteração genética foi identificada.

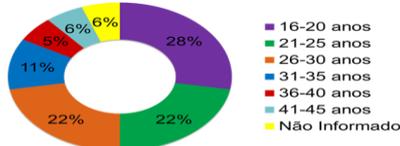


Gráfico 1. Distribuição dos casos de acordo com a idade materna.

A maioria dos casos (14) ocorreu em gestações a termo. Em todos os casos o parto aconteceu por meio de cesarianas. Dentre as gestantes 88,88% foram declaradas brancas.

Observou-se que 44,44% dos casos ocorreram na primeira gestação e, dentre os nove casos cujas mães já tinham tido pelo menos um filho, houve uma taxa de história de aborto de 5,55%. Em um caso a história de gestação não foi relatada. Houve relato de doença materna em quatro casos: (1) Obesidade e HAS; (2) DMG e HAS; (3) DMG; e (4) HAS. Quanto ao tipo sanguíneo da mãe, o mais frequente foi o tipo O (50%), seguido do tipo

A (33,33%), B (11,11%) e AB (5,55%); com RH negativo em 11,11% dos casos. A maioria dos neonatos (78%) com malformação obtiveram um índice de Apgar considerado satisfatório (de 8 a 10) no 1º e no 5º minuto. A média de peso dos RNs foi de 3.017g (amplitude: 1980g – 4365 g).

Cidade de Procedência	N (%)
Tubarão	8 (44,44)
Braço do Norte	2 (11,11)
Capivari de Baixo	1 (5,55)
São Ludgero	1 (5,55)
Pedras Grandes	1 (5,55)
Imarui	1 (5,55)
Pescaria Brava	2 (11,11)
Treze de Maio	1 (5,55)
Sangão	1 (5,55)

Tabela 1. Distribuição dos casos de acordo com a cidade onde residem.

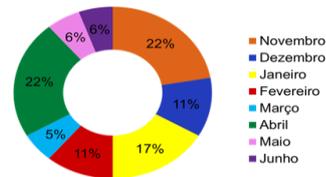


Gráfico 2. Distribuição dos casos de acordo com o mês de nascimento.

Os exames complementares utilizados para o diagnóstico das malformações se limitaram a Raio X, Ultrassom, PCR e Tomografia. Em seis casos houve necessidade de cirurgia. Ocorreram quatro óbitos, três em RN's com hérnia diafragmática e outro no caso de anencefalia.

Diagnóstico Clínico	N
Malformações do sistema osteomuscular	3**
Malformações do sistema nervoso	2***
Malformações do sistema geniturinário	4***
Malformações do sistema digestivo	2**
Malformações dos olhos, ouvidos, face e pescoço	1*
Fenda Labial e Palatina	5*
Hérnia Diafragmática	3
Outros	1

Tabela 2. Distribuição dos casos de acordo com o diagnóstico clínico. Há três casos de malformações associadas: Retrognatia com fenda palatina (*); Pólipo de vesícula biliar com malformação nos pododáctilos III e IV (**); e Encefalocele com criptorquidia à esquerda(***). Outros: Nódulo em dorso direito.

Conclusões

Dentre os 1784 nascimentos que ocorreram no período da pesquisa foram identificados 18 casos de malformação congênita, representando 1% do total de nascimentos. As variáveis maternas de maior incidência foram a idade entre 16 e 20 anos, brancas, residentes em Tubarão-SC, primigestas e com tipo sanguíneo O positivo. Quanto as variáveis dos RN's, a maioria é menino, branco, IG entre 37 e 41 semanas com Apgar maior ou igual a oito no primeiro e no quinto minuto. A malformação mais encontrada foi a fenda labial ou palatina.

Palavras-chave

Epidemiologia. Recém-nascidos. Malformações congênitas.

Autorização legal

Autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNISUL, com protocolo de aprovação número 779590.

Instituição de apoio

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISIL. Governo do Estado de Santa Catarina.

Referências

1. SANTOS, Rosângela da Silva; DIAS, Iêda Maria Vargas. Refletindo sobre a malformação congênita. Rev. bras. enferm., Brasília, v. 58, n. 5, Out. 2005.
2. VIEIRA, Daniela Koeller Rodrigues et al. Atenção em genética médica no SUS: a experiência de um município de médio porte. Physis, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 2.
3. SINASC. Manual de Aperfeiçoamento no Diagnóstico de Anomalias Congênitas. São Paulo. Out 2012.